

Lábaro Estrelado: dramaturgia e MPB

Cleise Furtado Mendes¹

Esta bandeira

Esta bandeira é tecida com cacos de sonho, fiapos de certezas, cordões de alegria, pontos de rezas, xingos e escrachos, ais e uis, franciscana putaria, lixo barroco, tangas, miçangas, contas do rosário que o poeta popular garimpa e tritura, morde e assopra, intui e delira, que nesta lira tudo se mistura: choro viril, rock meloso, rap raivoso, valsa protesto, marcha a ré, samba sina e devoção, hinos de sadia sacanagem.

Da terra-irmã à mãe gentil, da amada idolatrada à madrasta que faz seus filhos carregarem pedras como penitentes, erguendo por cinco séculos estrangeiras catedrais, o que resta da festa é sua gente. Gente olhando o céu, assuntando o horizonte, siderados pela sombra sonora de um objeto sim por que não voador, de luz um risco no disco velho arranhado repetindo razões pra ficar tudo como está. Gente que sonha com um candango doido que bote fogo e mude o jogo no continente-quintal, um redemunho com diabo e legião no meio, qualquer coisa entre a célula e o céu, afinal, pois a nossa esperança equilibrista já tem a perna bamba, que já lhe roubaram até a sombrinha de frevo

esfarrapada. Gente que cochilou no balanço da rede verde, mas que tombo, mano! Só ficou farelo do estandarte estrelado que ia girar como doido na avenida.

E vamos cantar, que nunca é demais, as maravilhas, *tonterías*, *brujerías* do lado de baixo do Equador, que há tantos carnavais deslumbraram os cabrais e seus séquitos de cronistas *embruçados*, *locos* por ti, musa do meu fado. Mas abram-se os olhos verdes castanhos

de mulatas e mulatos que o olho gordo global, o olho de seca-lourenço, de seca-pimenteira, está cravado no celeiro auri-verde. Desate-se esse travo na garganta, essa sede de banquete afinal partilhado, com tudo demorando em ser ruim e demorado, nas senzalas das favelas, nas celas das salas. Chega de bandeira arriada, folia guardada, dessa cica de palavra triste, esse jiló, esse ginge de espera que já passou da hora, que já durou tempo muito mais que pompas de centenários, que já durou tempo demais, totalmente demais.

(Texto da autora para programa de estréia do espetáculo, em 20 de novembro de 1999.)

Lábaro estrelado¹

No ano da graça e do espanto de 1999, às vésperas do novo milênio, um grupo de pessoas, partindo de vários pontos do Brasil, é atraído pela luz do Planalto Central. Eles chegam como se atendessem a uma vocação, um chamado, seja

¹ Apresentação, personagens e cenas iniciais da peça. Extraído de: MENDES, Cleise Furtado. Lábaro Estrelado – Bocas do Inferno – O Bom Cabrito Berra. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2003.

ele interno ou externo. Não sabem de onde virá o toque, o sinal, mesmo porque para cada um deles isso é algo bem diverso.

O ponto comum entre eles é a busca de uma transformação, de uma “outra via” de viver, pois todos de algum modo adivinham que “longe das cercas embandeiradas que separam quintais (...) assenta a sombra sonora de um disco voador”. Eles se recusaram à apatia e à indiferença do mundo globaliza-

do, embora em diferentes graus de consciência, de acordo com seus itinerários pessoais.

Assim, eles puseram o pé na estrada em busca de um Grande Encontro. Todos fogem de certa peste que se pode chamar “desesperança” e se tornaram “desterrados” por livre arbítrio. Deixaram seus casebres, barracos, apartamentos ou sítios virtuais, e chegam com suas trouxas, mochilas e celulares, e também com todos os vícios de suas aventuras pregressas.

Nesse espaço simbólico, no “coração do hemisfério sul da América”, que é um pouco réplica anos 90 da choça de Macunaíma - espelhando os contrastes desse “país-continente” que é também um “país-quintal” - todos estão vindo em busca de “raízes”, mas não mais as raízes folclóricas do regionalismo dos anos 20 e 30, e sim de uma alternativa possível, de alguma ilha de paz no mar de vagas certezas da vida contemporânea.

A entrada das personagens é um desfile dos tipos brasileiros que estão na nossa música, com seus “flagelados, pingentes, balconistas, palhaços, marcianos, canibais, lírios pirados”, como já disse o poeta popular. Arlindo Orlando, o sertanejo que vira suburbano; Kátia Flávia, a jovem transviada, a ovelha negra de todas as famílias; Lindonéia, a ex-puta disfarçada sob a máscara de devoção e patriotismo; Vinícius, o



eterno enamorado, símbolo de nossa busca de realização pessoal no amor; Maringá, a ex-retirante nordestina que sonhou com o Sul; Dagmar, a mulata carioca; Agenor Caju, o militante frustrado; Lígia, a mulher amada; Nara Lee, a patricinha paulista; Zé da Hora, o malandro sem espaço para sua malandragem antiga, esmagado pelas poderosas mutretas oficializadas; Duda Sodré, o intelectual classe média, que zomba de todos, sempre irônico e superior.

A segunda parte do espetáculo trata das tentativas de convívio entre esses seres neste “acampamento” meio virtual. Como em todo lugar onde pessoas se reúnem, essas são relações perigosas: tanto amorosas quanto conflitantes. Zé da Hora, que conhecera Lindonéia como dona de um prostíbulo, reconhece-a, fazendo cair sua máscara de mulher recatada e devota. Isso só faz aumentar o vivo interesse de Arlindo Orlando por ela, embora ele também divida seu tesão entre Dagmar e Maringá. Lígia, sempre esvoaçante e “fullgás”, escapa às atenções de Vinícius e volta a intrrometer-se entre Nara Lee e Duda Sodré, com os quais divide um passado de relações ambíguas. Duda a tudo critica, usando a ironia como escudo, e denunciando aquela rede de intrigas como uma grande gafeira. Maringá aproxima-se de Vinícius, ajudando-o

◆ Bastidores

fraternalmente a preparar seu “salto” das angústias da paixão individual para um amor compartilhado, coletivo. Kátia F. sempre interessada em revolucionar os costumes e desmascarar a burguesia, entra em confronto aberto com Lígia e Nara Lee; Dagmar oscila entre a malandragem de Zé da Hora e os planos socialistas não muito claros de Agenor Caju, levando os dois homens às “vias de fato”. Zé da Hora, após perder Dagmar, aproxima-se sedutoramente de Vinícius, que a esta altura já está bem mais preocupado com o destino geral do grupo.

Na terceira parte, atendendo a uma interpelação de Vinícius sobre o verdadeiro sentido de estarem ali, as personagens vão quebrando as pequenas celas de suas obsessões pessoais e caminhando em direção a uma transcendência, embora terrena e enraizada no aqui e agora. Um exemplo disso é Duda, que pela primeira vez fala a sério sobre a possibilidade de um amor verdadeiramente livre, que supere o ciúme e o egoísmo .

Nesse estágio, o grupo vai conseguindo construir um convívio em meio às diferenças, e enfatizando sua identificação através do SONHO comum de um novo mundo, do caminho para atingirem um ponto de mutação que os levará o mais próximo possível de um novo papel histórico: o dos “ilumencarnados seres que esta terra habitarão”.

Personagens:

A R L I N D O ORLANDO

S e r t a n e j o ingênuo, depois s u b u r b a n o , cantor brega; nos anos 90 virou Sem-Terra. Veio do sertão talvez mi-neiro, crédulo e devoto; o contato com a cidade o tornou cético, d e s c o n f i a d o . Agora está voltando para o Grande Encontro no Planalto Central, com toda essa bagagem, misturada: a memó-

ria do misticismo e da ingenuidade, e a desconfiança com todo tipo de governo ou poder.

KÁTIA F.

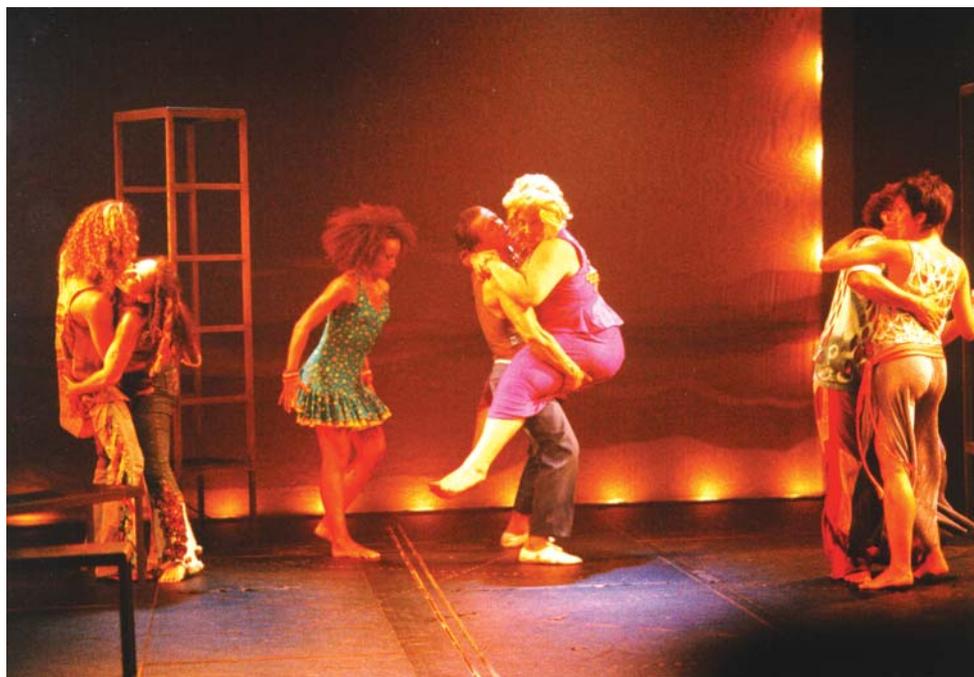
Hippie andarilha, Jovem Transviada, Ovelha Negra. A jovem rebelde de todas as épocas, arrebando nariz para a família e as convenções. Nos anos 90, não suportando a pressão doméstica, resolve ganhar o mundo. Tem a pressa típica dos muito jovens, acreditando que pode mudar tudo num piscar de olhos. Sobretudo, não tem papas na língua e afronta todo comportamento que julga “careta” ou niilista.

LINDONÉIA

Ex-dona de “casa de tolerância”, depois amante desprezada de homem casado, meio putona, meio mãezona, mas sempre sedenta de “respeitabilidade”, de aceitação na boa sociedade; por tentar imitar os padrões da pequena burguesia, inclusive nas ilusões patrióticas, mostra-se intolerante com a arte popular, em nome do “bom-gosto”; nos anos 90, termina como religiosa fanática.

VINÍCIUS

O eterno enamorado; primeiro, trágico e possessivo, depois sonhador, boêmio; nos



anos 70, embarca na aventura do amor livre, de liberar-se (e à sua amada) dos tormentos do ciúme e da possessividade; ao final, transforma o “absoluto” da paixão individual numa proposta de amor universal, de sentido transcendente. Nesse novo papel, simboliza o poeta que recupera os sonhos e ideais coletivos.

MARINGÁ

A ex-retirante nordestina que acreditou no Sul maravilha; na cidade, trabalhou como doméstica, depois virou cantora de churrascaria; tem um misticismo calmo, sereno, corpo a corpo, bem baiano; representa um desejo de mudança profundamente calcado no humano, nas relações de afeto, na experiência cotidiana. Aqui e agora, deixou tudo para ir ao Grande Encontro.

DAGMAR

Mulata carioca, porta-bandeira; cabrocha sambista, maneira, sestrosa; embora pareça ser a mera “mulher de malandro”, é cheia de truques e manhas, e tece seu reinado na surdina; na sua aparente submissão, joga com as fraquezas e vaidades dos parceiros, faz escolhas, impõe sua vontade e acaba conquistando sua liberação de modo não-usual, na contramão do sistema.

AGENOR CAJU

O rebelde libertário dos anos 70, tipo romântico-selvagem; revoltado e desajustado com a queda das utopias, busca uma ideologia pra viver, mas ao apaixonar-se ameniza seu radicalismo e insatisfação; a contrapartida masculina da personagem de Kátia F, mas com uma tonalidade mais político-social. Nos anos 90, o rapper das mensagens violentas, perturbadoras.

LIGIA

A mulher amada, ideal, inatingível. Passa intocável, como a Garota de Ipanema. Está sempre esvoaçando, escapando, e deleitando-se em ser objeto de admiração constante, seja de homens ou mulheres. Interessa-se simultaneamente pela tristeza de Vinícius, pelo ar entediado de Duda, pela faceirice de Nara Lee, e até pela agressividade de Kátia F., mas é incapaz de fixar-se em alguém, ou seja: “tem o

destino da lua/ a todos encanta e não é de ninguém”.

NARA LEE

Garota bossa-nova, patricinha paulista. Aparentemente ingênua, mas esperta, matreira. A garota que “apronta” mas mantém as aparências. Nos anos 70, largou a faculdade de Sociologia e embarcou em experiências de convívio comunitário, desde acampamento hippie até tribo no Xingu; depois vira atriz de teatro experimental, massagista de eutonia, astróloga e especialista em cristais e florais.

ZÉ DA HORA

O malandro, “o barão da ralé” (segundo Chico Buarque); primeiro, o malandro light, tipo Lapa, depois sem espaço para sua malandragem antiga, esmagado pelas mutretas oficializadas; vira garotão Jovem Guarda, surfista e marombeiro; nos anos 90, torna-se marketeiro, produtor de mega eventos.

DUDA SODRÉ

O intelectual, sempre crítico, gozador, usando a ironia como escudo, olhando de cima as situações da ralé, como nas músicas de Duzek. O que nele se transforma é apenas a nova postura da elite pensante, a cada momento; mas é sempre superior e distanciado; chega ao Grande Encontro como um observador, meio “outsider”. É a contrapartida masculina da personagem Lígia, na incapacidade de fixar-se afetivamente.

OBS: As personagens se relacionam e reaparecem formando grupos em torno de certos traços ou características. Zé da Hora e Dagmar estão na órbita da malandragem, do jeitinho escuso de se safar das pressões; Agenor, Kátia e Maringá se identificam na esfera da rebeldia, cada qual a seu modo, com diferentes tonalidades sociais, comportamentais e étnicas; Vinícius e Lígia simbolizam, como sujeito e objeto, o lirismo ou sentimentalismo bem nosso, a busca de realização no sonho do amor romântico; Arlindo Orlando e Lindonéia marcam-se pela exclusão, pela solidão, estão à margem por razões sociais ou morais; Nara Lee e Duda Sodré estão na área da urbanidade, dos vícios urbanos, da

◆ Bastidores

classe média perdida, que mais e mais se estreita num sanduíche desconfortável, entre os poucos muito ricos e a multidão de miseráveis.

Entrada das personagens

Eles chegam aos poucos, com atitude de expectativa, como se estranhassem e ao mesmo tempo reconhecessem o lugar. São como retirantes às avessas, vindos do litoral, das cidades; são re-itinerantes, que vêm de todas as partes do Brasil, e se encontram nesse ponto mítico, simbólico: o Planalto Central.

Ao chegar, olham sempre para o céu, o *lábano estrelado*, procurando ou aguardando algo. Além do tema geral que os reúne – tema da volta, do retorno, da busca de si mesmo, do outro, de qualquer coisa, de uma perspectiva, sentido, ou razão para prosseguir e acreditar, etc. – há o tema de cada um, a história de suas vidas, sugeridas pelas músicas.

À medida que cada um chega, estabelece rapidamente relação com os demais. Há entre eles uma espécie de familiaridade imediata, que dispensa apresentações, como se todos se conhecessem de longa data. Na verdade, está sempre implícito que todos sabem porque estão ali, nesse mesmo lugar, embora cada um tenha atendido a um chamado pessoal, particular, para pôr o pé na estrada.

O Coro funciona como um reservatório do imaginário brasileiro, espécie de “anima” coletiva, da qual a cada momento saem personagens, e na qual eles são novamente reabsorvidos, ao deixarem sua individualidade. De lá vêm canções, citações sonoras, poemas falados, réplicas, comentários, murmúrios, reminiscências.

Abertura

Escuridão, céu estrelado.

Ouvem-se solfejos de músicas ufanistas bem conhecidas. “Brasil, meu Brasil brasileiro...”/ “Isso aqui ô ô, é um pouquinho de Brasil, ai, ai...”/ “Vejam, esta maravilha de cenário”, e outras. Ainda em off, entra “Terra Virgem”, em gravação original de Vicente Celestino.

Ó meu Brasil, para aumentar a tua glória, /Dia virá no teu futuro ascensional/ Em que o mundo invejará a tua história/ Porque serás o paraíso universal!/ Beijam teus campos, que se perdem no horizonte,/ O Rio-mar, o sol de ouro, o céu de anil,/ E a Terra- Virgem que se mira numa fonte/ Enche de frutos o regaço do

Brasil./ Sobre o alto Corcovado, engastado,/ Tens o Cristo Redentor,/ Dominando a Guanabara, jóia rara,/ Do teu reino de esplendor!/ E nas praias, namoradas, encantadas,/ Do teu céu de eterno azul,/ Brancas ondas se debruçam e soluçam/ Sob o Cruzeiro do Sul!/ Berço de heróis! Terra de luz e de bondade!/ A natureza é um hino verde em teu louvor!/ Outra nação não há com tanta liberdade,/ Tanta fartura, tanta paz e tanto amor!

CORO

(cantando)

Um objeto sim/ um objeto não/um surgindo do céu/outro vindo do chão./Aparecerão/ no mesmo dia,/ na mesma cidade/ no mesmo clarão./ Um surgindo do céu / outro vindo do chão./Um objeto sim/ um objeto não./Atraídos/ pela luz do Planalto Central das Tordesilhas/ fundarão o seu reinado/dos ossos de Brasília/ das últimas paisagens/ depois do fim do mundo. /O reino de Eldorado/depois do fim do mundo/ virão /o objeto sim/ o objeto não/ os ilumencarnados seres/ que esta terra habitarão,/ novos seres que virão/ do fundo do céu/ do alto do chão.

Cena 1 – se lembra?

(Entra Vinícius, olha para o céu e queda-se contemplando as estrelas. Entra Arlindo Orlando.)

ARLINDO ORLANDO

(Olha primeiro para o céu, depois para um ponto ao longe, cantarolando)

Prepare o seu coração/ pras coisas que eu vou contar:/ eu venho lá do sertão,/ eu venho lá do sertão,/ eu venho lá do sertão/ e posso não lhe agradecer...

(Falado) Por ser de lá, na certa por isso mesmo, não gosto de cama mole, não sei comer sem torresmo. Eu quase não falo, eu quase não sei de nada; sou como rês desgarrada nessa multidão, boiada caminhando a esmo. (Silêncio) Mas agora não pergunto mais pra onde vai a estrada. Agora não espero mais aquela madrugada... Vai ser, vai ser, vai ter de ser, vai ser... muito tranqüilo. (Para Vinícius, puxando conversa.) Eu já andei, sem parar, dezessete léguas e meia. (Sem obter resposta, olha também o céu.) Não há, oh gente, oh não! Luar como esse, não há não!

VINÍCIUS

(Ainda olhando uma estrela no céu)

Te esperei vinte e quatro horas ou mais de cada dia que eu vivi; te esperei mais de sete dias por semana, mais de doze meses cada ano, e te esperava até um novo século surgir. Te esperei na mesa, te esperei na cama... olhando as estrelas te esperei na lama.

(Cantando) Hoje... eu quero a rosa mais linda que houver/ e a primeira estrela que vier para enfeitar a noite do meu bem...

(segue cantando baixinho.)

ARLINDO ORLANDO

Ora, direis, ouvir estrelas... e eu vos direi que, um dia, as estradas voltarão... voltarão trazendo todos para a festa do lugar. Aqui, neste mesmo lugar... neste mesmo lugar de nós todos. As estradas voltarão, voltarão trazendo todos para a festa do lugar. Aqui, no planalto central, numa enchente amazônica, numa explosão atlântica! Virá, que eu vi!

(Entra Lindonéia. É uma mulher cansada, de ar triste, melancólico, mas com a força concentrada de um cacto. Entra e fala meio para si mesma, até perceber Arlindo Orlando e Vinícius.)

LINDONÉIA

(Olhando para o céu)

Ah! já é hora do corpo vencer a manhã! Outro dia já vem, e a vida se cansa na esquina, fugindo, fugindo, pra outro lugar. Ah! Que vontade eu tenho de sair... estrada de terra que só me leva... nunca mais me traz. E os olhos vão procurar... onde foi que eu me perdi... Ir numa viagem que só traz barro, pedra, pó, e nunca mais... *(Olha em torno)* Mas o lugar é aqui. É aqui! E virá, que eu vi!

(Canta, melancólica)

Nosso amor, que eu não esqueço/ e que teve seu começo/ numa festa de São João, /morre hoje sem foguete, /sem retrato, sem bilhete/ sem luar, sem violão./ Perto de você me calo,/ tudo penso, nada falo, /tenho medo de chorar./Nunca mais quero seu beijo/ mas meu último desejo/ você não pode negar. / Se alguma pessoa amiga/ pedir que você lhe diga/ se você me quer ou não,/ diga que você me adora,/ que você

lamenta e chora/ a nossa separação.../ Às pessoas que eu detesto,/ diga sempre que eu não presto,/que o meu lar é um botequim,/ que eu arruinei sua vida,/ que eu não mereço a comida/ que você pagou pra mim.

ARLINDO ORLANDO

(Para ela, galante)

Olha que a vida, tão linda, se perde em tristezas assim...

LINDONÉIA

(Convidando-o a entrar na sua nostalgia)

Se lembra das fogueiras? Se lembra dos balões? Se lembra dos luars dos sertões?

ARLINDO ORLANDO

A roupa no varal... Feriado Nacional... e as estrelas salpicadas nas canções...

VINÍCIUS

(Que permanece imerso no seu sonho, à parte, cantarolando)

Hoje eu quero paz de criança dormindo/ quero abandono de flores se abrindo/ para enfeitar a noite do meu bem.../Quero a alegria de um barco voltando/ *(segue baixinho)* quero ternura de mãos se encontrando/ para enfeitar a noite do meu bem...

LINDONÉIA

(Sobre canto baixinho de Vinícius)

Se lembra quando toda modinha falava de amor? Eu era tão criança... e ainda sou. Querendo acreditar que o dia vai raiar...

ARLINDO ORLANDO E LINDONÉIA

(Rindo)

...só porque uma cantiga anunciou...

LINDONÉIA

Ah! O futuro não é mais o que era antigamente...

ARLINDO ORLANDO

Tempo, tempo...

LINDONÉIA

(Cantarolando)

Tempo, tempo, tempo, tempo!...

◆ Bastidores

Cena 2 – chega de saudade

(Entra KÁTIA F. Sua entrada efusiva quebra o clima nostálgico do diálogo anterior.)

KÁTIA F.

Ah! Chega de saudade! Chega de saudade! Fecha a cortina do passado! Eu só quero saber do que pode dar certo, não tenho tempo a perder!

ARLINDO ORLANDO

(Cético)

E então? Tudo azul? Sol de norte a sul?

KÁTIA F.

Tudo bem. Tudo sem força e direção. Nos barracos da cidade, ninguém mais tem ilusão... Qualquer coisa que se mova, é um alvo... ninguém tá a salvo. O pop não poupa ninguém... o Papa é pop, o presidente é pop, e nós também! Qualquer coisa que se mova é um alvo, ninguém tá a salvo...

ARLINDO ORLANDO

É, e a cada minuto que passa, tem muita gente chegando... tem muita gente chegando, pagando, pagando pra ver!

LINDONÉIA

(Para Arlindo, mas referindo-se a Kátia)

Então... vamos botar água no feijão.

KÁTIA F.

Eu passo mal, eu passo mal quando vejo, no jornal, antas e pequenos roedores na coluna social. Se exibindo na TV, falando dos antepassados que vieram pro Brasil, trazendo o negro acorrentado, nossos índios massacrados, e diz que descobriu o Brasil! Bah! Eu tenho minhas dúvidas se Deus é brasileiro...

LINDONÉIA

(escandalizada)

Meu Deus do céu, que palpite infeliz! Este aqui é um país abençoado por Deus, e bonito por natureza! O meu Brasil brasileiro, esse Brasil que canta é feliz! Terra de Iracema, de Tupã, de Oxalá...

KÁTIA F.

Oxalá tomara! Oxalá Deus queira! Aqui tá mais pra Haiti do que pra Havaí! Mais que um piano, é um cavaquinho; mais que um bailinho, é um carnaval; mais que um país, é um continente; mais que um continente... é um quintal!

LINDONÉIA

Mas quem é você, que não sabe o que diz?

KÁTIA F.

(Cantando)

Levava uma vida sossegada/ gostava de sombra e água fresca.../ Meu Deus, quanto tempo eu passei/ sem saber... /Foi quando meu pai me disse:/ “Filha, você é a ovelha negra/ da família!/ Agora é hora de você assumir.../ e sumir!

(Falando, sobre fundo de “Ovelha Negra”) Ah, baby, baby, não adianta chamar... Mamãe, mamãe, não chore... a vida é assim mesmo... Eu quero, eu posso; eu quis, eu fiz.... Tinha apenas dezessete anos, no dia em que saí de casa, e não fazem mais de quatro semanas que eu estou na estrada. Apesar das minhas roupas rasgadas, eu acredito que vá conseguir uma carona que me leve, pelo menos, à cidade mais próxima. O pó da estrada gruda na minha roupa. Na minha boca, sempre o mesmo assunto: o pó da estrada. *(Para Arlindo e Lindonéia, como se fizesse uma confidência)* Diz que tem muita gente de agora se adiantando, partindo pra lá, pra dois mil e um, e dois, e tempo afora, até onde essa estrada do tempo vai dar. Eu não posso mais esperar! Quero o paraíso agora! E aqui! Virá, que eu vi!

ARLINDO ORLANDO

Presta atenção, querida, mal começaste a conhecer a vida... Repare bem, o mundo é um moinho... vai triturar teus sonhos...

CORO

(Baixinho)

Noventa milhões em ação / pra frente, Brasil,/ salve a seleção! /De repente é aquela/ corrente pra frente!/ Parece que todo Brasil deu a mão/ juntos ligados na mesma emoção/ tudo

é um só coração!/ Todos juntos, vamos,/ pra frente Brasil, Brasil...

LINDONÉIA

(Repete para si mesma, como uma reza, com devoção)

Aqui não tem terremoto, aqui não tem revolução, é um país abençoado... Ilha de paz e prosperidade, num mundo conturbado. Aqui tem vastos seringais, lindos coqueirais, mulatas que são as tais, a sandália de prata, a verde mata, cachoeiras e cascatas, o rio-mar, a floresta, a natureza em festa; vestido rendado, terreiro iluminado no chão, no céu, estrela e balão; tem tucupi, tacacá, Castro Alves, vatapá, e aqui plantando tudo dá... *(Para Kátia F., severa)* Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste, criança!

(Entra Agenor Caju.)

AGENOR CAJU

(Cantando)

Não me convidaram / pra essa festa pobre/
que os homens armaram / pra me convencer/
a pagar sem ver / toda essa droga / que já vem malhada / antes d'eu nascer./
Não me ofereceram / nem um cigarro / fiquei na porta estacionando os carros.../
Não me elegeram chefe de nada! / O meu cartão de crédito / é uma navalha! /
Brasil, mostra tua cara / quero ver quem paga / pra gente ficar assim... / Brasil, qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio? / Confia em mim...

LINDONÉIA

(Contrariada)

Ah! Mais um pro baião de dois!

AGENOR CAJU

(Falando)

Meu partido é um coração partido, e as ilusões estão todas perdidas. Os meus sonhos foram vendidos tão barato que eu nem acredito! Ah! Eu nem acredito! Nas noites de frio é melhor nem nascer, nas de calor, se escolhe: é matar ou morrer. E assim nos tornamos brasileiros: te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro... transformam o país inteiro num puteiro... porque assim se ganha mais dinheiro!

LINDONÉIA

Credo em cruz! Laia sabadaia sabadana ave-maria!

AGENOR CAJU

Meus heróis morreram de overdose; meus inimigos estão no poder! Ideologia? Eu quero uma pra viver! *(Mais calmo)* Eu quero a sorte de um amor tranqüilo, eu quero uma casa no campo, onde eu possa ficar do tamanho da paz! Eu sou um cara cansado de correr na direção contrária, sem podium de chegada ou beijo de namorada. Mas se você achar que eu estou derrotado, saiba que ainda estão rolando os dados! Porque o tempo não pára! O tempo não pára! E virá, que eu vi!

